



FCE- FACULDADE CAMPOS ELÍSEOS

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTOJUVENIL
NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

Viviane de Almeida Gaiardo¹

RESUMO

Realizado por meio de amplo levantamento bibliográfico, este artigo tem como objetivo confirmar a importância da literatura infantojuvenil na formação do leitor. Para tanto, seu desenvolvimento apresenta: panorama histórico da literatura infantojuvenil; principais aspectos e autores brasileiros da literatura infantojuvenil; contribuições da literatura infantojuvenil na formação do leitor. A pesquisa apontou que a literatura é princípio mágico e inaugural que se revela em cada personagem, cada palavra e cada sentir e que a conceituação de literatura infantojuvenil, que é, antes de tudo, a arte da palavra, constitui-se um ramo da literatura dedicado especialmente às crianças e aos jovens. Constatou-se, também, que a leitura de obras infantojuvenis nas mais variadas manifestações requer um olhar aguçado do professor para que não desvie o foco da atenção, uma vez que o simbólico na literatura traça seu percurso para a transcendência dos anseios humanos: encontros e desencontros, angústia, medo, tristeza, alegria, amor, dor, felicidade. Isso porque a literatura faz olhar, sentir, ser e construir-se dentro de um universo de possibilidades e também colabora para o processo básico da humanização e para a ressignificação da realidade que cerca o leitor. Chegou-se à conclusão de que a literatura infantojuvenil contribui efetivamente para a formação do leitor e que a literatura é um dos espaços mais significativos para que se aprenda a caminhar com criação; trata-se de um presente que se oferece às crianças, aos jovens e aos adultos.

Palavras-chave: Infantil, Juvenil, Leitor, Literatura.

¹ Professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola – Ensino Fundamental e Médio, na Rede Pública Estadual. Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, o homem tem necessidade de registrar tudo ou quase tudo sobre acontecimentos, reais ou não, que aparecem no mundo geral ou particular, de um modo peculiar, distinto. Para isso, ele se valeu – e ainda se vale -, de artifícios da língua, da própria sensibilidade, do mágico que existe em cada ser, coisa ou fato (ALMEIDA, 2011).

A palavra “literatura” vem do latim “litteris”, que significa “letra”. Uma das definições de literatura, ou pelo menos a mais reconhecida é, segundo Almeida (2011), a de que nela se dá o uso estético da linguagem escrita. Entende-se por estética a captação da beleza das formas artísticas, uma função particular que busca a perfeição do sensível e do próprio fenômeno artístico.

Nesse sentido, a literatura contempla o belo, o estético; a escrita resulta do olhar observador e intérprete do escritor. Ele discorre sobre os mais variados aspectos de sua experiência e da experiência dos seus contemporâneos. Por isso, cada escrita literária traz consigo, às vezes através de milênios, uma parcela do tempo em que viveu o escritor.

Portanto, enfatiza Almeida (2011), literatura é a arte de criar e recriar um texto mais elaborado na sua estrutura, para que o leitor possa recriar, por meio da imaginação, a cena descrita, o espaço ocupado pela personagem, a própria personagem; para que o leitor possa sentir, por intermédio da sinestesia, o conflito desencadeado no decorrer da trama; possa formular uma possível solução para o conflito, pelo raciocínio; possa sentir prazer na leitura vivenciada.

Literatura é arte e deleite. Embora também apresente ideologias e manifestações culturais, ela amplia, transforma, enriquece a própria existência e experiência do leitor (ALMEIDA, 2011).

Alliende e Condemarín (2005) afirmam que é muito importante envolver as crianças, desde cedo, em um ambiente letrado, oportunizando à criança a possibilidade de abstrair a linguagem escrita de seu contexto.

A leitura tem melhor desenvolvimento quando ocorre numa sala de aula com variedade de estímulos para a linguagem oral e escrita, que possibilite experiências informativas que permitam às crianças escutar, olhar e descrever, expressando sentimentos e pensamentos.

Para Alliende e Condemarín (2005), o principal objetivo da leitura é conduzir à

compreensão da linguagem escrita, implicando um processo de pensamento multidimensional existente na interação entre o leitor, o texto e o contexto. Nessa direção, é essencial que o leitor interligue seus conhecimentos prévios com as novas informações fornecidas pelo texto. Para eles, é primordial que a criança tenha consciência das interações que ela faz em sua comunicação com a linguagem escrita, assim como também é importante como ela desenvolve estratégias naturais para trabalhar com informações gráfica, fonética, semântica e sintática.

Este estudo tem como problema de pesquisa: quais as contribuições da literatura infantojuvenil na formação do leitor?

A realização desta pesquisa ampara-se no entendimento de que, como bem assinala Zilberman (1993), a capacidade de ler é, há tempos, essencial à realização pessoal, e, atualmente, é cada vez mais aceita a premissa de que o progresso social e econômico de um país depende muito do acesso que o povo tem aos conhecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra impressa.

A leitura alarga os horizontes do leitor, pois a literatura reflete de forma criativa e ampla o mundo inteiro. A escola que assume para si a condição de formar o hábito de leitura do estudante estará garantindo, com certeza, a existência de adultos com rica imaginação, amplos recursos linguísticos e uma visão de mundo que em muito ultrapassa ao imediato e ao próximo (ZILBERMAN, 1993).

O objetivo geral desta pesquisa é abordar a importância da literatura infantojuvenil e suas contribuições na formação do leitor. Por sua vez, os objetivos específicos visam: pesquisar o panorama histórico da literatura infantojuvenil; investigar os principais aspectos e autores brasileiros da literatura infantojuvenil; verificar as contribuições da literatura infantojuvenil na formação do leitor.

A metodologia adotada para a realização da pesquisa consta de amplo levantamento bibliográfico, com consultas a materiais como livros, artigos e textos com informações consideradas relevantes para a composição do trabalho.

1 PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Apresentando importantes considerações históricas acerca da literatura infantojuvenil, Almeida (2011) afirma que hoje a dimensão dessa forma literária é ampla e relevante, proporcionando à criança um desenvolvimento emocional, social

e cognitivo incontestável.

A mesma autora enfatiza que quanto mais cedo a criança tiver contato com a literatura, de forma oral (contação de histórias) ou impressa (livros), maior será sua probabilidade de se tornar um adulto leitor e se apoderar do desenvolvimentos mencionados.

Quanto ao desenvolvimento emocional, Abramovich apud Almeida (2011) esclarece que quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais patente sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias retratam problemas existenciais típicos da infância, como o medo, a curiosidade, a dor, a perda, o carinho, a inveja, etc.

No desenvolvimento social, é possível observar que, por meio de histórias, a criança passa a conhecer lugares, outras épocas e, principalmente, outros modos de agir e de pensar, começa a confrontar ideias e pensamentos por intermédio da interação com os textos.

No que tange o desenvolvimento cognitivo, a criança quando lê ou ouve histórias e é capaz de indagar, comentar, refletir sobre elas, adquire uma postura crítico-reflexiva, altamente relevante à sua formação cognitiva, pois sabe-se que essa competência:

[...] está intimamente ligada aos processos e produtos da inteligência, incluindo entidades psicológicas do tipo conhecimento, consciência, inteligência, pensamento, imaginação, criatividade, geração de planos e estratégias, raciocínio, as inferências, a solução de problemas, a conceitualização, a classificação e a formação de relações, a simbolização e, talvez, a fantasia e os sonhos das crianças (SILVA apud ALMEIDA, 2011, p. 14).

Contudo, Almeida (2011) explica que a literatura infantojuvenil só atingiu tal projeção há pouco tempo, pois os primeiros livros para as crianças, escrito por professores e pedagogos, estavam diretamente relacionados a uma função utilitário-pedagógica e, por isso, foram sempre considerados uma forma literária menor, uma subliteratura, ou seja, uma literatura inferior simplificada.

A rigor, esse equívoco se justifica porque uma coisa é a literatura entendida, conforme Lourenço Filho apud Almeida (2011), enquanto “expressão da arte”, e outra coisa é a chamada “literatura didática.” Essa espécie de filantropismo pedagógico tentava induzir, direcionar o pensamento das crianças, sem deixar que

pensassem por si mesmas.

Segundo Coelho apud Almeida (2011, p. 14): “ao ser ligada, de maneira radical, a problemas sociais, étnicos, econômicos e políticos de tal gravidade, a literatura infantil e juvenil perdia suas características de literariedade para ser tratada como simples meio de transmitir valores”.

Esse caráter didático da produção para a infância surgiu no final do século XVII, com o objetivo de ensinar valores, auxiliar no enfrentamento da realidade social e propiciar a adoção de hábitos. Desse modo, essa função pedagógica, e não literária, presente nos primeiros livros infantis, implicava a ação educativa do livro sobre a criança, dificultando sua decisão e escolha do que e como ler. Extremamente pragmática, buscava estabelecer padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa que se estabelecia. Essa característica didático-pedagógica amparava-se na linha paternalista, moralista e centrada em uma representação de poder. Era, assim, uma literatura para estimular a obediência, cujas histórias acabavam sempre premiando o bom e castigando o que era considerado mau (ALMEIDA, 2011).

Essa visão de mundo, maniqueísta, ou seja, a divisão das personagens em boas e más, belas e feias, poderosas e fracas, quase não deixava espaço para dúvidas, diferenças, diversidades e reflexões.

Conforme relatos de Castro apud Almeida (2011), seguia à risca os preceitos religiosos e considerava a criança como um ser a se moldar de acordo com o desejo dos que a educavam, podendo-lhe aptidões e expectativas.

Era nessa linha que Barth apud Almeida (2011, p. 15), há mais de 60 anos, dizia:

Esta literatura está cheia de disparates e trivialidades. A tendência de fazê-la veículo de formação moral tornou-a, muitas vezes, insossa. Em vez de deixar falar as coisas e os fatos, fala o autor em demasia. Em vez de vida real, aparece, amiúde, a caricatura, em que se exageram os bons e maus caracteres, com tipos extremados, nos dois sentidos – de modo que se recompensa excessivamente o bem e se castiga da mesma forma o mal.

É possível dizer que as obras voltadas para as crianças raramente tinham o ensejo de tornar a leitura uma fonte de prazer, retratando a aventura pela aventura. Quase não havia histórias que discorressem sobre a vida de forma lúdica, ou que

fizessem pequenas viagens em torno do cotidiano, ou a afirmação da amizade centrada no companheirismo e que despertassem emoções e sentimentos, enquanto forma de lazer e diversão.

Dessa forma, a literatura infantil não é uma simples exposição pedagógica; “ela tem que ter uma certa magia, ser instigante, mexer com regiões do inconsciente, agregar alguma perplexidade ao leitor” (SANT’ANNA apud ALMEIDA, 2011, p. 15).

Um exemplo dessa polarização entre o bem e o mal se encontrou, durante anos, na personagem da bruxa:

Ela correspondia a um procedimento padrão de maldade e nunca mudava suas ações ou reações, sendo sempre má. Fazia parte desse universo, entre outras, a questão do medo: “- Bruxa de verdade não existe! E sua avó nem é tão feita, nem tem cara assim de bruxa. A gente não tem medo dela. Ela às vezes traz você para a escola de carro, e bruxa voa montada em vassoura!!!” (LUFT apud ALMEIDA, 2011, p. 16).

A partir dos anos 70 do século XX, muitos escritores da literatura infantojuvenil passaram a mostrar a relatividade das coisas e a ambiguidade das pessoas por meio de personagens que não podem ser rotuladas como boas ou más; ela, então, passam a “estar” boas ou más diante das diferenciadas situações.

Ainda seguindo o exemplo da personagem bruxa, a desconstrução da maldade torna-se um elemento bastante representativo para uma observação, inclusive com um trabalho de identificação do leitor com ela. Ou seja, atualmente, a sua imagem não é tão apavorante e inspiradora de medo, pelo contrário, muitas histórias registram as boas intenções dessas personagens, como *Histórias de Bruxa Boa*, de Lya Luft, que narra as aventuras da menina Tatinha, que morava no andar de cima de uma casa, com seus pais. No térreo, morava sua avó, que, poucos sabiam, era uma bruxa boa, chamada Lilibeth.

Tem-se também *A bruxinha que era boa*, de Maria Clara Machado, que já em seu título rompe com esse paradigma de maldade relacionado às bruxas. É uma peça infantil que conta a história da bruxinha Ângela, cujo nome sugere referência a anjo, uma bruxinha diferente das outras que frequentam a Escola de Maldades da Floresta. Observa-se, ainda, a obra *Uxa – ora fada, ora bruxa*, de Sylvia Orthof, que mostra que nem toda bruxa vive somente de maldades; Uxa é uma bruxa diferente, tem momentos de ternura e meiguice como todo ser humano. A baixinha, e gordinha

Uxa, sendo bruxa, resolve virar fada algumas vezes. Para desempenhar esse papel, ela precisa mudar o visual e colocar peruca loura e chapéu de fada. Por fim, não se pode deixar de mencionar a simpática e desastrada bruxinha criada pela ilustradora e escritora Eva Furnari, na década de 80 do século XX, que faz sucesso até hoje entre as crianças (ALMEIDA, 2011).

Existem várias obras que poderiam ser citadas com esse sentido para visualizar que a literatura infantil contemporânea busca retratar a relativização dos conceitos de bem e mal em toda sua ambiguidade humana.

Na opinião de Almeida (2011), para incitar a relação entre a interpretação do texto literário e a realidade, não há melhor sugestão do que obras infantis que focalizem discussões de nosso tempo e problemas universais, imanentes ao ser humano.

“Infantilizar as crianças não cria cidadãos capazes de interferir na organização de uma sociedade mais consciente e democrática” (COELHO apud ALMEIDA, 2011, p. 17).

Assim, por iniciar o homem no mundo literário, a literatura infantil deve ser lida para expandir a capacidade e interesse de análise do mundo e sensibilização da consciência. É fundamental que a literatura seja sempre considerada de modo global e complexo em sua pluralidade.

Segundo Lobato apud Almeida (2011, p. 18):

[...] quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos Diálogos de Platão, mas quem sofre na infância a ravage (efeitos nocivos) dos livros instrutivos e cívicos não chega até lá nunca. Não adquire o amor da leitura. De acordo com o autor, a literatura infantil tem que dizer à imaginação dos leitores, e aqueles que tiveram na infância o contato com uma leitura prazerosa estendem o “progresso autoeducativo” para a fase adulta.

A visão de mundo maniqueísta, embasada nos interesses do sistema, é abandonada por volta dos anos 70 do século XX: a literatura infantil toma novo impulso e se apresenta com novas formas, novas propostas, novos caminhos, no que se refere ao Brasil, graças à contribuição de Monteiro Lobato.

“Se antes da década de 70 padecíamos de carência de literatura para crianças, a exceção é feita à obra desse autor. Na verdade, a literatura infantil brasileira pode ser dividida em antes e depois do criador do *Sítio do pica-pau-amarelo*” (ALMEIDA,

2011, p. 18).

Almeida (2011) menciona que pesquisadores e estudiosos afirmam que a literatura infantil brasileira propriamente dita começa com Monteiro Lobato, em 1921, com a obra *A menina do narizinho arrebitado*. Ele foi o primeiro a escrever para as crianças brasileiras histórias com qualidade literária. Antes de Lobato, a literatura presente era a europeia clássica, tradicionalmente, traduzida ou adaptada para o idioma português, como os contos de Charles Perrault, dos irmãos Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, e Hans Christian Andersen.

Alberto Figueiredo Pimentel e Carlos Jansen são vistos como os primeiros tradutores/adaptadores de obras clássicas europeias. São do primeiro os *Contos da Carochinha* (1886), histórias populares recolhidas da tradição oral, presentes em todos os povos do mundo, as quais apontavam para a moralidade e o sentido educativo: do segundo, as adaptações de *As viagens de Gulliver* (1888), *D. Quixote de la Mancha* (1901), *Robinson Crusóé* (1885), entre outras.

Olavo Bilac, além de tradutor, também produziu textos para crianças. Em 1899, publicou *Livro de composição e Livro de leitura*; em 1905, *Teatro infantil e contos pátrios* e, em seguida, *Contos infantis*. Em 1905, foi publicada a primeira revista para crianças, intitulada *O tico-tico*. Lançada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, seguia o modelo de revista francesa *La semaine de Suzette*, personagem que, no Brasil, ganhou o nome de Felismina. A revista permaneceu em circulação até 1962.

Após as produções de Bilac, vários outros autores, como Coelho Neto, Arnaldo de Oliveira Neto, Thales de Andrade, Gustavo Barroso, Viriato Correia, Manuel José G. da Fonseca, Humberto de Campos, Érico Veríssimo, entre outros, produziram textos voltados ao universo infantil.

Contudo, salienta Almeida (2011), foi Monteiro Lobato quem inaugurou uma nova estética da literatura infantil do Brasil, compreendendo-a como arte capaz de alterar a percepção de mundo e emancipar seus leitores. O autor buscou romper as barreiras educacionais reproduzidas pelas obras que, embora destinadas ao público infantojuvenil, tinham por objetivo apenas inculcar a postura didática e moralista.

Segundo Frantz apud Almeida (2011, p. 19):

Movimentando seus personagens num mundo fantástico e simultaneamente real, Monteiro Lobato inova completamente a

literatura destinada às crianças brasileiras. [...] seus personagens são curiosos, inquietos, leitores ávidos sempre muito bem informados, cultos, com forte consciência crítica. São bem-humorados, irônicos, questionadores, livres, democráticos e nem um pouco acomodados.

Na verdade, trata-se de uma literatura instigante, nova, que propõe ao leitor uma reflexão sobre a realidade que o cerca, a fim de capacitá-lo para uma ação mais eficaz que o leve a transformá-la, ou, então, que o convida a viver a experiência da leitura de forma prazerosa e lúdica. Nessa direção, abandona a linguagem arcaica, pesada e se utiliza de uma linguagem mais leve, coloquial, viva, lúdica, poética.

Uma das características encontradas na literatura de Lobato é a retomada dos clássicos em suas histórias, o que consiste em uma atitude moderna. Ou seja, narrativa da cultura universal e popular, em conjunto com a reescrita do novo texto, alcançam um movimento maior, uma qualidade literária ímpar (ALMEIDA, 2011).

Depois de Monteiro Lobato, seguiu-se um longo período em que poucas obras destinadas às crianças foram escritas no Brasil. O período entre 1940 e 1970 é chamado de “limbo de imitadores” dos modelos lobatianos, pois, durante esses anos, a literatura infantil brasileira viveu à sombra de seu nome. Foi somente a partir da década de 70 do século XX que as produções passaram a dar continuidade ao seu próprio literário.

Com essa renovação, constata-se que a literatura produzida para crianças e jovens começou a contar com uma grande diversidade de matizes narrativos e com uma imensa variedade de gêneros e temas em suas publicações. Essa riqueza começou a atender às necessidades de um público que tem gostos, interesses e demandas diferentes e que precisa ser conquistado para a leitura das palavras, em um mundo predominantemente imagético e visual.

Surgem, então, novos escritores, como Maria Mazzetti, Fernanda Lopes de Almeida, Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Marina Colassanti, Ruth Rocha, Roseana Murray, entre outros.

Contribuindo para essa explanação da história da literatura infantojuvenil, Cavéquia (2010) reforça que no Brasil, até o século XIX, a literatura destinada a crianças e jovens era importada, sendo majoritariamente constituída de traduções feitas em Portugal. Consistia numa literatura cara e, por conseguinte, para poucos.

Não havia editoras no país e mesmo autores brasileiros tinham seus textos impressos na Europa.

Segundo relatos de Cavéquia (2010), no início do século XX um movimento em reação a essa situação. Autores como Olavo Bilac, Coelho Neto, Manuel Bonfim e Tales Andrade passaram a ter seus livros publicados, isso graças à escola, que necessitava de literatura para ensinar bons hábitos e valores.

Na época, segundo Sandroni apud Cavéquia (2010), começaram a aparecer no mercado editorial traduções, feitas por escritores, que, devido à má remuneração desse tipo de trabalho, impediam que seus nomes constassem dos livros.

Cavéquia (2010) reforça que, no começo do século XX, ocorre no mercado editorial um fato que mudaria para sempre o rumo da literatura infantojuvenil brasileira: Monteiro Lobato publica, em 1921, *A menina do narizinho arrebitado*, iniciando nova fase literária da produção brasileira destinada a crianças e jovens. A partir de então tem-se uma mudança nos paradigmas de o que publicar para os leitores infantojuvenis.

A obra de Lobato foi tão importante e alcançou tanto sucesso junto ao público que durante décadas “o panorama da literatura destinada a crianças e a jovens permaneceu semiestagnado, com várias e frustradas tentativas de imitação” (SANDRONI apud CAVÉQUIA, 2010, p. 03).

Aqui Cavéquia (2010, p. 03) assinala que:

É a partir da década de 1970 que esse panorama começa a mudar, motivada pela lei de reforma de ensino que obriga a adoção de livros de autor brasileiro nas escolas de 1º grau. Surgem, assim, escritores como Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colasanti e Eliardo França. Trata-se de autores que compuseram/compõem uma literatura com fortes traços lobatianos, em que o lúdico, o inventivo, o real e o imaginário são preponderantes, além da busca pela linguagem e cultura brasileiras. Nas décadas de 1980 e 1990, grande foi a expansão da produção literária para a infância e juventude. Atualmente, no tecnológico e globalizado século XXI, a produção tem tido crescimento realmente significativo, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

Assim, a literatura infantojuvenil no Brasil teve início com obras pedagógicas, adaptações e traduções de obras estrangeiras. Mas foi com Monteiro Lobato que realmente surgiu uma literatura voltada para crianças e jovens, em 1921, com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*.

2 PRINCIPAIS ASPECTOS E AUTORES BRASILEIROS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Abordando as funções da literatura infantojuvenil, Almeida (2011) afirma que, em linhas gerais, a literatura infantojuvenil desempenha um papel importante, no sentido de desalienar a criança, o que significa não entregar pensamentos prontos, mas ensinar a pensar.

É assim que, sem esquecer que está fazendo arte, reconstruindo o mundo, a literatura voltada para crianças e jovens leitores deve propiciar a formação de uma consciência crítica, contrária àquela que contorna os problemas, que os aceita e permite ficarem como estão. Logo, é indubitável que as produções não enfoquem temas relacionados à violência e nem incentivem posturas sociais aliadas ao preconceito ou à exclusão (ALMEIDA, 2011).

Aqui Almeida (2011, p. 58) ressalta que:

Desde Monteiro Lobato, muitos autores brasileiros vêm contemplando em suas obras a provocação, a arte de “produzir a fome, de incitar o desejo e produzir conhecimento”, como lembra-nos Rubem Alves (2007), no seu famoso texto intitulado *A arte de produzir fome*, ao destacar a importância de o sujeito se tornar autônomo, crítico, criativo, mobilizando a sua atenção, o seu pensar e o seu sentir.

Frants apud Almeida (2011, p. 59), em seu estudo sobre as publicações atuais, observa que uma das marcas da literatura infantojuvenil brasileira “é a sua contribuição para uma visão mais crítica da realidade. Isso tudo sem deixar de lado a fantasia, o humor, a poesia”.

Estão incluídos nesse caso os livros de Ziraldo, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Mary França (em parceria com Eliardo França), Marina Colasanti e muitos outros.

Na opinião de Almeida (2011), ao mesmo tempo em que faz a criança rir, sonhar e se divertir, a literatura atual também não se furta de convidá-la a olhar ao redor e refletir sobre o que está acontecendo.

Um exemplo contundente é a história *O pai da filha e a filha do pai*, de Adriana Jorgge (2004) e ilustrações de Kiko Farkas, edição em capa dura, da editora W11. O livro é apresentado, já em sua capa, como “uma história de amor eterno com abismo

no meio e encontro no fim”.

Biasioli (2007) salienta que, especificamente sobre a literatura infantojuvenil, torna-se impossível falar dela e não citar Monteiro Lobato que, preocupado com a literatura infantil, publicou, em 1921, *Narizinho Arrebitado* – segundo livro de leitura para uso das escolas primárias. Embora estivesse estreando na literatura escolar com *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato já trazia em sua primeira obra as diretrizes de uma literatura infantojuvenil:

[...] o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar (ARROYO apud BIASIOLI, 2007, p. 02).

Assim, Monteiro Lobato foi o pioneiro a pensar na literatura infantil enquanto algo que deveria ser estimulado na criança, de modo que ela adquirisse o hábito e o prazer pela leitura, não mais se restringindo à obrigação pedagógica dos livros didáticos.

Almeida (2011) apresenta uma breve descrição de alguns escritores nacionais que contribuíram ou contribuem com a produção literária destinada às crianças e aos jovens:

- Monteiro Lobato (1882-1948): Foi um dos escritores brasileiros mais influentes do século XX. Foi um importante editor de livros inéditos e autor de importantes traduções.
- Luís da Câmara Cascudo (1898-1986): Nasceu em Natal (RN) e também merece destaque, uma vez que, por meio dos *Contos tradicionais do Brasil*, pretendeu preservar as tradições folclóricas do país. Essa obra foi produzida a partir de pesquisas do folclorista e de uma equipe de ajudantes que catalogaram, no nordeste brasileiro, as versões dos contos de fadas da tradição oral.
- Ruth Rocha (1931-): Nasceu em São Paulo e sua obra mais conhecida é *Marcelo, marmelo, martelo*, que já vendeu mais de 1 milhão de livros. Atualmente, tem mais de 130 títulos publicados, com traduções em 25 idiomas.
- Ziraldo (1932-): O mineiro Ziraldo Alves Pinto foi editor de jornal, chargista, quadrinhista, cartunista e, atualmente, é escritor, ilustrador e faz palestras para

professores, alunos e leitores em geral. Ficou conhecido com as obras *O menino maluquinho*, *Flicts* e outras.

- Eliardo França (1941-): O mineiro Eliardo Neves França é referenciado por Nelly Novaes Coelho (2000) como um dos mais criativos e premiados artistas/ilustradores de livros infantis. A dupla Mary e Eliardo teve início em 1963, quando eles se conheceram, e consolidou-se em 1968, quando se casaram. Inauguraram em 1998, uma editora própria, que leva o nome do casal. Escreveram *A joaninha*, *O trem*, *Surpresas*, etc.

- Ana Maria Machado (1942-): Nasceu no Rio de Janeiro e é jornalista, professora, pintora e escritora. No começo dos anos 70 do século XX, como uma das principais figuras da revista *Recreio*, teve participação decisiva na mudança do tratamento dado aos textos infantis, em uma continuidade à proposta de Monteiro Lobato. Foi uma das fundadoras, em 1980, da primeira livraria infantil do Brasil, a *Malasartes* (no Rio de Janeiro), que existe até hoje. Nessa década, publicou mais de quarenta livros e, em 1981, recebeu o Prêmio Casa de Las Américas, com o livro *De olho nas penas*. O reconhecimento mundial das obras de Ana Maria Machado aconteceu em 2000, quando recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante da literatura infantil. Escreveu *Menina bonita do laço de fita*, *O mistério da ilha*, *Amigos secretos*, *De carta em carta*, etc.

3 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Tufano (2002), ao discorrer sobre literatura e educação, destaca que, ao se entender que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, deve-se, então, admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e expressão.

Ao aceitar a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, é uma certa maneira de ver o real, logo é possível entender que ela pode ajudar, em muito, o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma

excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, permitindo ainda o diálogo com outras áreas do conhecimento, como vem sendo proposto atualmente pelas novas diretrizes educacionais do país, observa Tufano (2002).

“A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ajudando-o a situar-se no mundo” (TUFANO, 2002, p. 40).

Complementando esse raciocínio, o autor afirma que a boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade do leitor, que assim se enriquece a cada leitura, a boa literatura não pretende oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimulando-o a tomar posição diante de certas questões vitais. Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Tufano (2002) assinala que o professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas como leitor maduro e experiente, cabe ao professor a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível. É só através desse diálogo que o potencial crítico da literatura apode se fazer sentir.

Por essa razão, o papel da escola em geral, e do professor de português, em particular, é muito importante. É só na escola que a esmagadora maioria dos alunos entra em contato com a literatura pela primeira vez. Os livros indicados pela escola são os primeiros exemplos de textos literários que os alunos têm. Esse contato inicial é decisivo para estimular ou não o gosto pela leitura, para desencadear ou não um processo fecundo de formação de leitores. Conforme o trabalho desenvolvido, depois de alguns anos pode-se ter contribuído para formar leitores ou para afastar os alunos da literatura.

Nesse contexto:

O aluno não deve ser intimado a concordar sempre com a interpretação do professor, não pode ter sua leitura totalmente dirigida. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas, dependendo da

maturidade do leitor. Ele é um campo de possibilidades que desafia a inteligência de cada leitor individualmente (TUFANO, 2002, p. 41).

Para esse autor, trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola, pois assim fazendo não se estará dando ao aluno uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada.

Por outro lado, complementa Tufano (2002), esse equívoco metodológico tem consequências ainda mais funestas. A avaliação que não respeita as experiências pessoais do aluno no ato de ler acaba acentuando as diferenças culturais que existem entre alunos de diferentes níveis sociais. Os que são mais amparados do ponto de vista familiar e econômico, que têm mais convivência com objetos culturais, acabam obtendo os melhores resultados, desestimulando os menos favorecidos, que são justamente os que mais precisam da escola.

Para Faria (2010), seria interessante pensar em três momentos de leitura de livros para os alunos:

- a) oferecer um tempo para a leitura livre na biblioteca, dando-se inteira liberdade aos alunos para folhearem livros, escolher o que querem ler e fazê-lo por inteiro ou não;
- b) estabelecer aulas de leitura coletiva e espontânea na sala de aula, com livros escolhidos pelo professor ou pela turma, ou por sugestão de alunos, com troca de ideias sobre o tema, com a finalidade apenas de ler a história pelo prazer de ler;
- c) também já reservando aulas para o aprofundamento da leitura, selecionar alguns livros do item anterior para trabalho durante o ano letivo, nos quais o professor escolherá apenas um aspecto a ser tratado com a classe. É importante salientar a necessidade de não sobrecarregar os alunos, tentando trabalhar com muitos aspectos no mesmo dia e com a mesma história.

Jobe e Souza (2002) afirmam que, com vistas a melhorar as aulas, os professores têm, então, que realizar um compromisso e incluir mais literatura. Para tanto, instruem Jobe e Souza (2002), é importante que o professor adote as seguintes resoluções para aumentar sua influência e fazer uma diferença entre seus alunos.

- Seja um leitor visível

As crianças têm de ver o professor lendo; em outras palavras, precisam ver

que é dado valor à leitura. Somente quando o professor sentar dentro da sala de aula, reservando tempo para ler e falando sobre o que está lendo, é que eles compreenderão que a leitura é importante em suas vidas. Os professores não podem ensinar leitura efetivamente a menos que eles mesmos valorizem os livros e sejam leitores.

- Leia em voz alta diariamente

Como professor, há algo muito importante que se deve fazer dentro da sala de aula: ler literatura de qualidade em voz alta para os alunos. Uma leitura entusiástica manterá as crianças encantadas e focalizará a atenção. Não apenas os estudantes estarão tendo uma experiência literária positiva, mas estão melhorando suas habilidades de escuta, expandindo o vocabulário e apreciando modelos de linguagem de qualidade. Os professores não devem negligenciar a importância de ler materiais informativos e de não-ficção. É importante que leiam bem e para isso é preciso que pratiquem as habilidades de interpretação oral anteriormente. Não há um modo “correto” de se ler em voz alto, só modos mais eficazes para tornar o livro vivo.

- Cerque os estudantes com livros

Enquanto os alunos são expostos a um exagero de informações de todo tipo, pressões de propaganda, pressões dos amigos e exigências de atividades diárias, o tempo se torna um item crucial em sua vida. Eles só se sentirão motivados a ler se forem expostos e estiverem cercados de livros tentadores em um ambiente próximo a eles. É de máxima importância, para que a aprendizagem se consuma, ter fontes de literatura prontamente disponíveis. Ainda, a presença de muitos livros constrói uma afirmação visual do valor que o educador dá à leitura e à literatura. Um desafio encarado é encontrar meios para se obter livros. Basicamente, é a escola a responsável em proporcionar material de leitura para todos os estudantes. Espera-se que esse material esteja dentro de uma biblioteca na escola, para que todos os alunos possam compartilhá-lo.

- Crie tempo para que os alunos leiam

É importante se dar conta de que se deve criar tempo para ler, na própria vida e salas de aula. Deve-se programar o tempo para os alunos permanecerem quietos

e se concentrarem em um bom livro. É importante um planejamento. Um intervalo de leitura leva um período curto de tempo para começar e gradualmente se expande para meia hora ou mais, dependendo da idade e concentração dos estudantes. Todos os tipos de fontes de leitura devem ser encorajados, de revistas a livros de gravuras, livros de informação, manuais e romances. É sempre uma boa ideia começar onde os alunos estão e gradualmente levá-los a ler materiais de melhor qualidade. Os estudantes devem levar em conta o que estão lendo, e partilhar alguma coisa de sua leitura no fim do intervalo.

- Reserve tempo para que os alunos compartilhem

Quando se lê um livro bom, nasce o desejo de compartilhar isto com alguém. As crianças precisam da mesma oportunidade. Histórias entusiásticas de livros conduzem ao interesse e um desejo para os outros lerem também. Compartilhar livros é muito diferente dos malfadados relatórios e resumos escritos sobre o livro. O “compartilhar” precisa ser uma manifestação espontânea de entusiasmo crítico sobre uma experiência literária. Este “compartilhar” é de crucial importância para os professores. Quando se lê um livro para a classe, deve-se planejar estratégias para habilitar os estudantes a reagir a ele. Isso permite a discussão, e ajuda os alunos a conectar as experiências encontradas no livro com sua própria vida. Deve-se desafiá-los a ser reflexivos em suas reações, para relacioná-las aos assuntos do livro e pensarem de forma crítica sobre a história e as ideias apresentadas.

- Relacione fatos de sua vida com os da história

Muitos dos estudantes são fascinados pela informação, pelos fatos. É importante para os professores proporcionar a eles esses interesses se quiserem ter programas de leitura com sucesso. Sabe-se que muitos meninos não são fãs narrativos, preferindo o mundo de livros de informação/não-ficção. Nas salas de aula é preciso ter uma gama extensiva de livros de informação, para intrigar e atrair o interesse de nossos estudantes. Um desafio para os professores é tentar relacionar cada livro/romance de figuras com um livro de informação, tirando os fatos por trás da história, relacionados ao tema ou ao interesse dos alunos. Para finalizar, é fácil para os professores, entrar em salsa de aula e repetir atividades de sucesso, receitas que dão certo, sempre e sempre. Deve-se tornar os livros e a leitura um componente central da abordagem para o aprendizado. Introduzir uma gama

extensiva de literatura infantojuvenil nas classes melhorará a vida do professor, somará diversidade e variedade às tarefas diárias, aumentará a eficácia do ensino, e fará uma diferença na vida dos alunos para quem se ensina.

Conrado e Silva (2006) lembram que a literatura infantojuvenil não precisa ser explorada somente pelo professor de língua portuguesa, ou seja, o professor das demais disciplinas, como matemática, história, geográfica, etc., pode desenvolver o mesmo trabalho focalizando seus conteúdos. O trabalho tornar-se-á mais enriquecedor se a exploração de um único livro for desenvolvida por mais de um componente curricular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conceituação de literatura infantojuvenil, que é, antes de tudo, a arte da palavra, constitui-se um ramo da literatura dedicado especialmente às crianças e aos jovens.

A leitura de obras infantojuvenis nas mais variadas manifestações requer um olhar aguçado do professor para que não desvie o foco da atenção, uma vez que o simbólico na literatura traça seu percurso para a transcendência dos anseios humanos: encontros e desencontros, angústia, medo, tristeza, alegria, amor, dor, felicidade. Isso porque a literatura faz olhar, sentir, ser e construir-se dentro de um universo de possibilidades e também colabora para o processo básico da humanização e para a ressignificação da realidade que cerca o leitor.

Importante frisar que a identificação com os ideais e pessoas pelas quais o indivíduo é orientado como, por exemplo, pais, amigos, professores, bibliotecários, entre outros, contribui de forma acentuada para um atitude positiva em relação à leitura.

A literatura é um dos espaços mais significativos para que se aprenda a caminhar com criação; trata-se de um presente que se oferece às crianças, aos jovens e aos adultos.

REFERÊNCIAS

ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ALMEIDA, V. **Literatura infantojuvenil**. Curitiba: Fael, 2011.

BIASIOLI, B. L. **As interfaces da literatura infantojuvenil: panorama entre o passado e o presente**. Artigo publicado em 2007. Disponível em <http://www.uel.br>. Acesso em 15 Mai. 2017.

CAVÉQUIA, M. A. P. **Breve panorama da literatura infantil e juvenil no Brasil**. Artigo publicado em 2010. Disponível em <http://www.abrale.com.br>. Acesso em 15 Mai. 2017.

CONRADO, R. M. O.; SILVA, S. M. B. **Dinamizando a sala de aula com a literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Loyola, 2006.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

JOBE, R. A.; SOUZA, R. J. Livros infanto-juvenis: desafie seus alunos com bons livros! In: CONTE, V.; KONICZEK, S. **Literatura infanto-juvenil e seus caminhos**. São Paulo: Paulus, 2002.

TUFANO, D. Literatura e educação. In: CONTE, V.; KONICZEK, S. **Literatura infanto-juvenil e seus caminhos**. São Paulo: Paulus, 2002.

ZILBERMAN, R. (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.